5.° Anno — Lisboa, 22 de Abril de 1889 — Numero 31

A Illustração Portugueza

Semanario

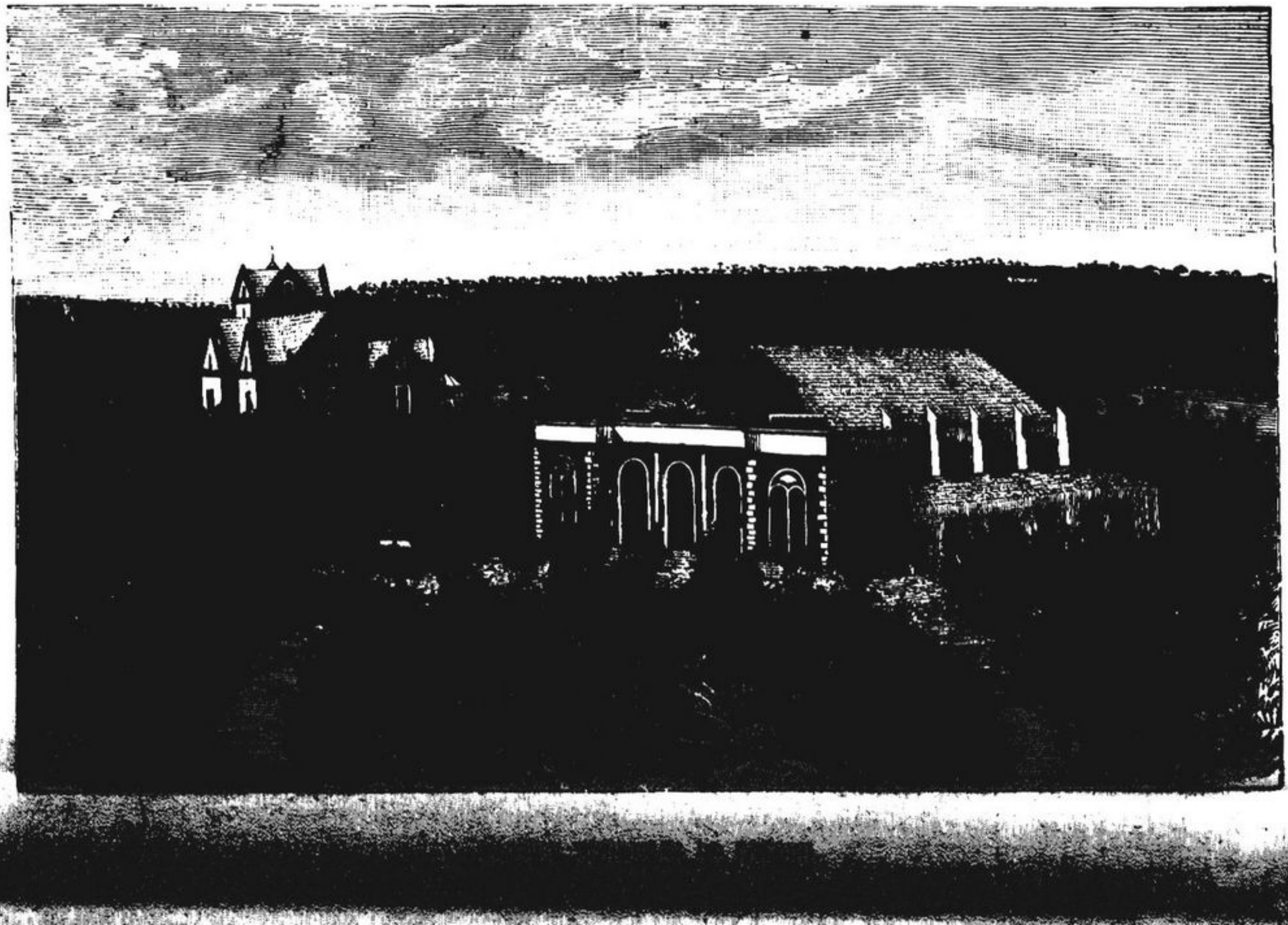
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES:—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo *(Beldemonio);* Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

Texto:—*Chronica,* por William.—*O centenario de Camões,* por Pinheiro Chagas.—*George Sand e Alfredo de Musset,* por D. Guiomar Torrezão.—*A princeza Lilith,* conto, por Julio Lemaiche.—*As nossas gravuras.*—*Em familia (passatempos).*—*Um conselho por semana.*—*A rir.*—*As tuas cartas,* versos, por Joaquim d'Araujo.—*O milagre de Montargis,* trad. de Nazareth Chagas.

Gravuras:—*Os banhos thermaes do Estoril.*—*Adolpho Sauvinet.*—*Barão de Amazonas.*—*Modas.*—*Emma Otero.*



CHRONICA

——

Com o ultimo cirio do sacrario, fechou-se o ultimo livro das orações solemnes e sentidas, da paixão do Christo. Os templos, ainda ha pouco tão rumorosos da multidão apressada e irrequieta, tocada d'esse vago anceio moderno, mixto de duvida e crença, retomam o seu aspecto tranquillo.

Nos frios mosaicos deslisam os sacerdotes em passo subtil, cruzando as frias naves, como guardas de museus desertos.

Tudo retoma a pacatez de um culto que, dia a dia, perde dentro da alma o amplo logar que occupou.

A sociedade actual, lançada a todo o vapor no caminho das descobertas scientificas e das applicações industriaes, não tem muito tempo para se entregar á ingenuidade e á poesia de aturadas praticas religiosas. O que hontem era a summa preoccupação, é hoje uma ceremonia na existencia social do individuo.

Ao contrario da religião, que não consegue já enthusiasmar os povos até á explosão de uma nova cruzada, a politica avassala todos os espiritos. E' que ella amolda-se a todas as exigencias, a todas as theorias, por mais phantasticas que sejam; e tem o supremo encanto de satisfazer a ambição, sobre as cousas d'este mundo, o que é, por sem duvida, mais tentador que a conquista do ceu.

Eis explicado o phenomeno porque, em politica, nós caminhamos a passos agigantados, quando estacionamos em muitos outros ramos da actividade humana.

Duvidam?

Ahi tivemos, na vespera de trevas, o povo acclamando nas ruas o orador politico mais popular, o mais quente tribuno que possuimos—Pinheiro Chagas.

Qual foi, dois dias depois, o orador sagrado que o povo acompanhou a casa, commovido e soluçante?

Nenhum.

E' eloquente isto.

O publico portuguez, democraticamente educado pelos constituintes de 1820, e d'esse periodo em diante pelos eminentes tribunos, publicistas e legisladores que temos possuido, dedica mais attenção do que se julga aos interesses geraes.

A felicidade da patria, que é o resultado da felicidade na familia, leva o povo a olhar com o maximo interesse para os actos dos governantes, e para isso se inventou o parlamento. Quando, por uma fascinação do poder, os depositarios d'elle se esquecem d'essa grande e poderosa multidão anonyma, que se chama a opinião publica, eis que surgem, como n'um relampago, essas figuras collossaes, alevantadas pelo povo sobre os hombros, a pedir contas aos governos, com a arte que vem do talento e com a força que vem da nação.

E Pinheiro Chagas, tribuno impeccavel e ao mesmo tempo ardente, alma comprehendida e apaixonada, typo austero da honestidade e do trabalho, foi um dos que o maravilhoso instincto popular escolheu para o aviso salutar e eloquentissimo do dia 16.

Assim os que estão de posse da *outra metade* se compenetrassem da necessidade de a largar...

A par da questão politica, que evidentemente preoccupa os homens, ha uma outra, não menos palpitante, que traz perplexas as senhoras.

Adivinhem.

A parte mais gentil da população de Lisboa tem uma profunda indifferença pelo fim mysterioso que levaria a *outra metade*; tambem a deixou impassivel a ruidosa questão de mandar por Pedro ou por Paulo os nossos productos agricolas ao Campo de Marte: ha uma cousa, porém, que a intriga devéras—saber quando principia a primavera.

Todos os sabios indigenas teem sido assaltados nos salões, com uma anciedade, com uma dôr de tal modo expressa em rostos que só deviam sorrir, como decerto o não fôram os confissionarios na quaresma finda, e nenhum poude asseverar, com a mão na consciencia, que realmente não estejamos ainda no inverno.

E' verdade que o honrado *sport* nacional já deu duas corridas, e S. Carlos já fechou; mas segredo-se uma tal[illegible]

Ainda ha outra interrogação vibrante, que sae dos labios femininos. O que vae ser de Lisboa no proximo verão, quando todos os conselheiros Accacios e as suas respeitaveis familias, em numero superior, talvez, a 95:000 pessoas—como os americanos—debandarem para a exposição?

Quem se atreverá a pedir dinheiro ao governo para levantar pavilhões na Avenida?

Quem será bastante corajoso para organisar uma batalha das flores, ou uma kermesse, ou simplesmente um bazar?

A que regiões desconhecidas irá o maestro Gaspar exhibir a sua famosa composição guerreira da batalha de tantos de tal? Irá a Paris? Parece deprehender-se essa terrivel noticia, de um *suelto* de jornal, que vimos algures.

Mas justos céos! Se o exercito seguir o funesto exemplo da banda da guarda municipal, e pedir egualmente licença para ir a Paris, vae ficar Lisboa sem alferes!

Trememos, só de o pensar.

Para um horror d'estes, aconselhamos Shopenhauer puro. Só a philosophia d'este grande original, é que nos convencerá de que se pode viver, ficando sem alguma cousa.

Por exemplo:

Os infelizes contractadores do tabaco, sem a *outra metade*.

O governo, sem maioria, visto que, segundo é voz publica, ella fugiu.

Lisboa sem exposição na Avenida, e, portanto, sem a batalha de Inkermann e sem o maestro Gaspar.

As gentis namoradas da patria de Ulysses, sem os alferes.

Ainda o anno passado nós acalentavamos em nosso patriotico seio, a esperança de ver subir ás nuvens, na Avenida, o major Jardim, diante dos burguezes maravilhados; mas nem isso.

O sympathico official, pensando, e muito bem, que o seculo XIX já tem gloria de mais, reserva-se para saudar a alvorada do seculo XX com uma corrida aerea até Paris, inaugurando assim, bizarramente, a nova epoca de transformação politica, social e economica, annunciada pelos prophetas das escolas mais avançadas.

Emquanto, porém, não fazemos a conquista do ar, seria de summa utilidade pensar n'alguma cousa que nos distrahisse nos longos dias e noites de verão.

Diz-se que ha municipios no estrangeiro onde os edis se preoccupam com tal assumpto; e que existem corporações commerciaes que inventam festas. A exposição de Barcelona é um exemplo; Paris e Nice, outro.

Mas entre nós seria isso um attentado á nossa gravidade nacional; o nosso interessantissimo commercio morreria de vergonha no dia em que promovesse festas maritimas no Tejo, cavalhadas historicas nas ruas de Lisboa, illuminações, e recitas populares gratuitas nos theatros.

Ganharia muitos contos de réis, mas nem toda a benzina das pharmacias lhe tiraria a terrivel nodoa do—*shocking*.

22—4—89. WILLIAM.

O CENTENARIO DE CAMÕES

——

Os tomos XIV e XV do *Diccionario Bibliographico*, publicados recentemente pelo sr. Brito Aranha, e que constituem os tomos 7.º e 8.º do *Supplemento*, formam o estudo mais completo que possuimos ácerca da bibliographia camoniana, não só porque publica a noticia de todas as edições, de todas as traduções, de todos os estudos criticos e biographicos, mas ainda porque, dando conta minuciosa de todos os documentos relativos á celebração do centenario de Camões, dá noticia, tambem, da immensidade de publicações que n'esse periodo se fizeram e que todas encerram uma homenagem ao talento e á memoria do grande epico.

Os dois livros constituem na realidade um monumento bibliographico, e nós, que temos seguido passo a passo o trabalho do sr. Brito Aranha, apontando-lhe escrupulosamente alguns lapsos que lhe tinham escapado, agora nem n'esse trabalho pensamos. Pode ser que haja algumas incorrecções, algumas inexactidões impossiveis de evitar em trabalho de tal magnitude, mas o complexo de todas as investigações do sr. Brito Aranha forma um monumento por tal forma grandioso, que realmente [illegible]

midamente, baseando-nos nos documentos publicados pelo sr. Brito Aranha, a historia das festas do Centenario de Camões.

No dia 17 de maio de 1879, o sr. Joaquim de Vasconcellos, socio correspondente da Sociedade de Geographia, officiou do Porto á Sociedade de Geographia, propondo que a sociedade tomasse a iniciativa da celebração da festa do Centenario; a 17 de dezembro do mesmo anno, o sr. Cypriano Jardim fez na séde da sociedade uma proposta ampliando a antecedente. A 11 de fevereiro de 1880, uma commissão nomeada pela Sociedade de Geographia, e composta dos srs. Delphim Guedes, hoje conde de Almedina, Antonio Ennes, Thomaz Ribeiro e o signatario d'este artigo, dava parecer ácerca das duas propostas e lembrava que se empregassem todos os meios de accordo com a imprensa, o governo, os altos poderes do Estado e todas as associações, para que esta festa tivesse um caracter verdadeiramente nacional.

No dia 16 do mesmo mez e anno, o sr. Simões Dias, deputado da maioria progressista, apresentava e sustentava um projecto de lei, assignado por elle, pelo sr. Antonio Ennes e pelo sr. Antonio Candido, para que fosse considerado de festa nacional o dia 10 de junho de 1880.

A convite da redacção do *Commercio de Lisboa*, de que fazia parte o sr. Luciano Cordeiro, reuniam-se no dia 3 de abril do mesmo anno, na redacção do mesmo peridioco, os seguintes representantes da imprensa de Lisboa—Cunha Bellem e Rodrigues da Costa pela *Revolução de Setembro*, Caetano Pinto e Silva Lisboa, pela *Democracia*, Gervasio Lobato, Urbano de Castro e Marianno Pina, pelo *Diario da Manhã*, Marques da Costa e Pedro Ignacio Gouveia, pelos *Annaes do club militar naval*, Cunha Bellem Junior, pelo *Diario Illustrado*, Magalhães Lima, Augusto Ribeiro e Marianno Presado, pelo *Commercio de Portugal*, Rodrigo Affonso Paquito pelo *Boletim da Sociedade de Geographia*, Terenas e Alfredo Ansur, pelo *Partido do Povo*, Fernando Pedroso, pela *Nação*, Sousa e Vasconcellos, pela *Arte*, Guilherme de Azevedo, pelo *Occidente*, Veiga e José Dyonisio Correia, pelo *Jornal de Pharmacia*, dr. Loureiro e Cunha Seixas, pelo *Diario do Commercio*, Hermenegildo de Alcantara, pela *Crença*, Alberto Pimentel, pelo *Correio da Europa*, Caetano de Carvalho, pela *Correspondencia de Portugal*, Lourenço Malheiro, Abilio Lobo, Cypriano Jardim e Sequeira, pelo *Diario de Portugal*, Eduardo Coelho, Brito Aranha e Albino Pimentel, pelo *Diario de Noticias*, Theophilo Braga e Bordallo Pinheiro, e estava além d'isso tambem a redacção do *Commercio de Lisboa*.

Dos jornaes que citámos, já morreram o *Partido do Povo*, a *Nação*, a *Arte*, o *Diario do Commercio*, o *Diario de Portugal* e a *Correspondencia de Portugal*. O *Diario da Manhã* mudou de titulo e é hoje o *Correo da Manhã*. Dos jornalistas presentes, morreram José Dyonisio da Veiga e Guilherme de Azevedo.

N'essa reunião deliberou-se que se convocasse uma grande reunião da imprensa de Lisboa, sendo cada jornal representado por um dos seus redactores. Essa reunião celebrou-se no dia 8 de abril, estando representados, alem dos jornaes que citámos, os seguintes:—*Revista Militar*, *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, *Jornal das Colonias*, *Positivismo*, *Gazeta dos hospitaes Militares*, *Luz do Povo*, *Gazeta Medica*, *Diario Economico*, *Jornal do Commercio*, *Moda Illustrada*, *Dois Mundos*, *Jornal das Sciencias Medicas*, *Progresso*, *Protesto*, *Farpas*, *Gazeta dos Lavradores*, *Clamor de Belem*, *Trinta*, *Medico Illustrado*, *Independente*, *Escola*, *Contemporaneo*, *Toureiro*, *Exercito Portuguez*, *Jornal dos Architectos e Archeologos*, *Boletim do Grande Oriente Lusitano*, *Diario Popular*, *Pimpão*, *Antonio Maria*, *Biographo*, *Correio Medico*, *Jornal da Noite*, *Universo Illustrado*, *Jacaré* e *Voz do Operario*.

Alem dos jornalistas que tinham estado presentes na primeira reunião estiveram os srs. Augusto Pinto Pedrosa, André Meyrelles, Guilherme Ennes, Raphael do Valle, Oliveira Feijão, Raphael de Almeida, Gonçalves Crespo, David Corazzi, Agostinho Lucio, Abreu Marques, Manoel Luiz de Figueiredo, Jorge Cabedo, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, Simões Raposo, Antonio Maria Serra, João Monteiro, Salvador Marques, Victoriano Braga, Brito Fernandes, Antonio Pedro de Azevedo, Alfredo Ribeiro, Augusto Xavier da Silva Pereira, Antonio Pusich de Mello, Custodio Braz Pacheco, Jayme Victor, Alvaro Possollo, José Antonio Bentes, Sousa Viterbo, Adrião de Seixas.

N'esta reunião se elegeu a commissão executiva que foi composta dos srs. Eduardo Coelho, Theophilo Braga, Luciano Cordeiro, Ramalho Ortigão, Rodrigues da Costa, Magalhães Lima,

No dia 10 de abril foi approvado pela camara dos deputados o projecto de lei do sr. Simões Dias.

No dia 13 de abril officiava a Academia ao governo, pedindo para que se associasse ás festas do centenario de Camões a trasladação para a egreja dos Jeronymos dos restos mortaes de Vasco da Gama. Eram 26 os signatarios d'essa representação. D'elles já morreram Fortunato José Barreiros, visconde de Fontainhas, dr. Alvarenga, Luiz Garrido, Silva Tullio e Silvestre Ribeiro.

A 20 de abril foi approvado pela assembléa geral da grande commissão da imprensa o programma apresentado pela commissão executiva, e a 27 de abril approvou a camara dos pares o projecto de lei approvado já na camara dos deputados.

Durante sessões consecutivas celebradas pela commissão executiva, recebeu ella as adhesões de um immenso numero de associações, de corporações, de estabelecimentos scientificos e industriaes, de camaras municipaes, de commissões formadas n'outras terras do reino; a 18 de maio promulgou o governo o decreto que mandou que se fizesse a trasladação dos restos de Vasco da Gama e dos ossos de Luiz de Camões para Belem; a 27 de maio promulgou-se a lei que considerava o dia 10 de junho como de festa nacional, e no dia 2 de junho publicou a commissão executiva o programma definitivo.

A 30 de abril foi nomeada pelo governo uma commissão composta dos srs. Antonio Maria de Amorim, Emygdio Navarro, e Antonio Ennes para se entender com a commissão da imprensa. O unico resultado d'essa nomeação foi a concessão de um magro subsidio de 4:800$000 réis.

Antes de começarem as festas, proferiram discursos e leram prelecções ou poesias os srs. Vasconcellos Abreu, Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Mesnier, Ramalho Ortigão, Affonso Vargas, Hugo Leal, Christovão Ayres, Martins Contreras, Manuel de Arriaga, Gomes Leal, Bernardes Branco, D. Angelina Vidal, D. Margarida Victor, Pedro de Oliveira Pires, Baptista Ferreira, Brito Aranha e o signatario.

Damos apenas noticia do periodo preparatorio: depois começaram as festas; para a historia d'essa esplendida manifestação é, pela publicação de documentos preciosissimos, um indispensavel elemento o excellente livro do sr. Brito Aranha.

PINHEIRO CHAGAS.

GEORGE SAND E ALFREDO DE MUSSET

— —

Por muito que se tenha escripto ácerca d'esses dois grandes cinzeladores da palavra, que o mundo não esquecerá nunca, ha sempre alguma cousa que dizer.

George Sand e Musset são dois astros isolados, que espargiram o seu brilho deslumbrador na serena região do bello, mas que projectaram tambem a sua luz intensa na penumbra onde floreja nas lagrimas a sensibilidade humana.

O prestigio que lhes aureola o nome, que lhes transmitte uma seducção estranha, de um encanto irresistivel, proveio mais da vibração das suas duas almas, mortalmente feridas por uma d'essas paixões invenciveis que tudo illuminam, transfiguram, abrazam e devoram, do que da elevação dos seus dois talentos.

George Sand e Musset amaram, soffreram, espalharam as rosas do ilyllio no calvario da eterna Dor e choraram lagrimas de desespero no eden dos supremos jubilos; viveram, emfim, a vida da paixão, com todas as suas acres volupias, com todas as suas torturantes delicias, com todas as suas despedaçadoras lutas, e tanto basta para que os seus nomes resoem atravez do tempo, que tudo emmudece, e acordem em nós a sympathia que tudo poetisa e aformoseia.

George Sand, antes de consubstanciar nos personagens modelados pelo seu potente cerebro a angustiosa legenda da paixão, viveu-se. Os seus primeiros livros póde affirmar-se que foram escriptos com sangue vertido do coração. Querem o meu retrato definido em duas palavras? Fornecer-lh'o-ha o reverso da opinião formulada a tal respeito por madame du Deffand: «Nem temperamento nem romances!»

Aspirando, como todos os grandes corações, a uma ventura

Creada no seio da natureza rural, aspirou no berço o frescor campestre e a ineffavel harmonia pastoril que constituem o principal encanto da maioria dos seus romances. Nunca, depois de João Jacques, nunca escriptor algum se identificou tão estreitamente com a alma da natureza, reflectindo-lhe no estylo, como em crystal diaphano, a sadia robustez, a doce effusão e a seiva exuberante, todos os variados e pittorescos aspectos em que o campo se revela áquelle que o sente e comprehende.

Quantas paizagens idealmente bucolicas, que o pincel não conseguirá nunca reproduzir!... E tudo sem o menor esforço, como a arvore produz os fructos e o rio deriva na ondulação da onda.

Os criticos, honra lhes seja, saudaram com enthusiasmo a sua apparição, abriram alas reverentes á sua passagem, applaudiram quasi sem restricções as suas audacias.

Sainte Beuve, o patriarcha da critica, antes de a ter visto, publicou no *Nacional*, onde então escrevia, artigos que equivaleram a apotheoses. Elle mesmo nos refere o effeito produzido por essa homenagem espontanea.

«Planche, que já a conhecia, disse-me que George Sand desejava fallar-me para me agradecer. Fomos lá um dia de manhã. Vi, logo que entrei, uma mulher moça, dotada de uns olhos bonitos e de uma fronte esculptural, emmoldurada em cabellos pretos um poucos curtos; vestia uma especie de *robe de chambre* escuro e simples.

«Ouviu attentamente, fallou pouco e pediu-me que voltasse.

«Sempre que as minha visitas se demoravam, escrevia-me e mandava-me chamar. Poucos mezes, ou mesmo poucas semanas depois, os nossos espiritos enlaçavam-se estreitamente.»

E Sainte Beuve accrescenta, para que não suscite a menor duvida a natureza da sua intimidade:

«Escudava-me então contra todos os generos de attractivos ou seducções, a melhor, a mais segura e a mais intima das defezas.»

A sua conhecida paixão por Adelia attingira, n'essa epoca, o apogeu de ternuras exclusivas, insusceptiveis de qualquer infidelidade, mesmo platonica.

A occasião era tentadora: George Sand tinha no fundo das pupillas, abrazadas de um fogo estranho, a attracção suggestiva que desorienta e perturba.

Sainte Beuve, porém, resistiu heroicamente.

A auctora de *Lelia* atravessava, por esse tempo, uma das suas crises de mysantropia.

Querendo desatar um laço que lhe pesava, perguntava a si propria onde iria depôr o coração doente e procurar o medico bemfasejo, capaz de dulcifical-o com o divino balsamo do amor.

Era incalculavel o numero de homens de espirito que se offereciam para consoladores.

Desde que Sainte Beuve declinara a honra da preferencia, coube-lhe o papel de confidente, conselheiro ou confessor.

Se o grande analytico das *Lundis* não publicasse, pouco antes da sua morte, de certo auctorisado por madame Sand, as cartas que esta lhe escreveu, não teriamos nunca suspeitado até que ponto elles levaram, um a condescendencia, outro a franqueza.

Vejamos alguns excerptos d'essas cartas:

«Março, 1833.—Meu amigo, quando faz tenção de vir jantar commigo? A falta de appetite não é pretexto plausivel: prometto que o não obrigo a comer, mas desejo conversar comsigo em liberdade, e a essa hora ninguem nos incommodará... E' para mim um bem supremo o seu zelo, a sua amizade, que invoco cheia de confiança e sem receio de importunal-o.»

George Sand pediu a Sainte Beuve que lhe apresentasse alguns escriptores em voga; pensou primeiro em Alexandre Dumas pae, a despeito da côr: em seguida, a sua attenção voltou-se para Musset; pouco depois reconsiderou: «Reflectindo melhor, não quero que me traga Alfredo de Musset. Acho-o muito dandy: não nos entenderiamos nunca: inspira-me mais curiosidade do que interesse. E' sempre imprudente satisfazer a curiosidade, vale mais obedecer á sympathia.»

E' devéras para sentir que a natural volubilidade de George Sand obliterasse este lampejo de bom senso, que, a não ser ephemero, teria poupado á sua alma impressionavel a origem de um dos mais lacerantes golpes que a pungiram.

Afinal, depois de varios preliminares, cortados de hesitações, Sainte Beuve encerrou a nova consulta de Panurgio, offerecendo, como exemplar susceptivel de acclimar-se, Theodoro-Jouffroy, um escriptor philosophico de incontestavel talento,

Sob varios pontos de vista, ninguem poderia adaptar-se melhor a um ser, que, em vez do filtro que embriaga, carecia do calmante que pacifica:

«Meu amigo, respondeu George Sand, receberei o sr. Jouffroy. Elle deve ser bom, candido, inexperiente para uma certa ordem de idéas que eu vivi e investiguei, que o meu amigo analysou, embora muito menos do que eu. Descobri na physionomia de Jouffroy uma alma bem formada e um espirito leal. Intimidam-me um pouco as virtudes de nascença. Aprecio-as, como bellas flores e optimos fructos; mas não sympathiso com ellas. As pessoas que se tornam credoras da nossa estima inspiram-nos medo, receiamos que nos abandonem ou despresem, se nos mostrarmos a seus olhos tal qual somos; as pessoas que não podemos estimar, comprehendem-nos melhor, mas atraiçoam-nos.»

Evidentemente, a grande e gloriosa psychologa partilhava a opinião de certa dama, que dizia a uma amiga: «Vês tu, minha querida, á medida que vou conhecendo o mundo, sinto que não podemos amar apaixonadamente senão aquelle que despresamos.»

A entrevista com Jouffroy não corresponderia ás esperanças que suscitára?

Provavelmente, George Sand comprehendeu que em similhante assumpto ninguem póde substituir a propria iniciativa, e escolheu definitivamente Musset.

Nos primeiros tempos não se arrependeu, segundo se deprehende das cartas endereçadas ao confidente:

«Sou feliz, muito feliz, meu amigo. Elle é bom rapaz e a sua intimidade é para mim tão doce como a sua preferencia me é preciosa. Longe de me affligir ou desconhecer, inebria-me a sua candura, a sua lealdade e ternura. E' um amor de rapaz e uma amisade de collega. E' alguma cousa que eu desconhecia, que imaginava não encontrar nunca, especialmente n'elle. Neguei esta affeição, repelli-a, recusei-a, até que me abandonei ao seu imperio, feliz de o ter feito. O meu amigo tambem se sente feliz. Ainda bem. Depois de tudo, acredite, nada ha no mundo verdadeiramente bom senão isto.»

Eis a mulher de coração exuberante de sensibilidade, a quem muito se deve perdoar pelo muito que amou.

E' ainda a mesma suprema preoccupação que transluz em um dos seus romances, *O secretario intimo*:

«O unico pensamento que me attrahiu foi a confiança no amor revelado sob um bello aspecto, contrastando com a tolice da opinião publica, injusta e estupida.»

Alfredo de Musset, que viveu sempre em boa harmonia com Saint Beuve, experimentava por vezes a necessidade de confiar-lhe o excesso da sua ventura.

«Musset, escreve George Sand, falla muitas vezes em ir vêl-o e instal-o para que o senhor venha a nossa casa; mas eu opponho-me, não obstante estar prompta a acompanhal-o, ao receiar que o resultado seja nullo.»

A lua de mel, dardejando em pleno azul, inspirou ao poeta da *Rolla* um soneto, dedicado á sua musa, a proposito, talvez, da irritação testemunhada por ella contra a critica. Musset responde ahi ás aggressões, saturadas de veneno, de que George Sand foi alvo.

Que motivo inexplicavel influiria para que não incluissem este soneto nas obras completas de Musset? Merece-o elle a todos os respeitos, e eu não resisto a arrancar este bello rubi facetado á correspondencia dos dois amantes:

Telle de l'Angelus la cloche matinale
Fait dans les carrefours hurler les chiens errants,
Tel ton luth chaste et pur, trempé dans l'eau lustrale,
O George, a fait pousser de hideux aboiements.

Mais quand les vents sifflaient sur ta muse au front pâle,
Tu n'as pas renoué ses longs cheveux flottants,
Tu savais que Phébé, l'étoile virginale
Qui soulève les mers, fait baver les serpents.

—Tu n'as pas répondu même par un sourire
A ceux qui s'épuisaient en tourments incomnus
Pour mettre un peu de fange autour de tes pieds nus.

—Comme Desdémona, t'inclinant sur ta lyre,
Quand l'orage a passé, tu n'as pas écouté,
Et tes grands yeux rêveurs ne se sont pas douté.

Agosto, 1892.

ADOLPHO SAUVINET

quizermos mais uma vez constatar a volubilidade das affeições humanas, mesmo ou talvez mais entre as pessoas de espirito superior, relermos a pagina onde o amante trahido esboçou, atravez de um veu diaphano, o retrato do seu ex-idolo.

Essa pagina figura em um dos mais formosos contos de Musset, *O merlo branco*.

«Trabalhavamos juntos. Emquanto eu compunha os meus poemas, ella rabiscava resmas de papel. Eu recitava-lhe os meus versos, o que não obstava que ella continuasse a escrever.

«Minhavava os seus romances com uma facilidade quasi egual á minha, escolhendo sempre os assumptos mais dramaticos, parricidios, raptos, homicidios e mesmo algumas vezes roubos, não perdendo nunca ensejo de hostilisar o governo e exaltar a emancipação das *merlettes*. Em resumo, o seu espirito dobrava-se a todas as exigencias e o seu pudor a todas as audacias; nem uma só vez riscou uma linha ou traçou um plano antes de pôr mãos á obra. Era o verdadeiro typo da *merlette* letrada.»

O despeito que transluz n'esta quasi caricatura, prova-nos que n'essa união incidental e breve como o ephemero viço de uma rosa, o mais viril dos dois não foi o homem.

Inteiramente ao inverso da legenda das Ariadnas, das Medeas e das Didos, d'esta vez o abandonado é D. João, que ficou carpindo o seu eterno desespero em versos admiravelmente esculpidos, mas profundamente efeminados.

As *Noites* refulgem da immortalidade que illumina a obra do genio, mas provam tambem que o loiro Musset não possuia a energia viril, indispensavel ao homem, tanto quanto seria dispensavel na mulher, mesmo que se chamasse George Sand.

Essa profunda antithese, que é, não raro, a synthese das grandes affeições inquebrantaveis, foi, em relação a Musset e Sand, o aspide que desfloriu e segregou a peçonha mortal no seu eden.

As confidencias de George Sand e Sainte Beuve prolongaram-se ainda além do escandalo que separou violentamente os dois amantes.

Entretanto, havia occasiões em que a brilhante romancista suspeitava que o seu confessor não lhe dispensava a mesma effusiva confiança.

«Ninguem comprehende nada ácerca da sua existencia, escreve George Sand, exprobrando a teimosia com que o celebre critico se retrahia ao seu affecto, ningem a comprehende nem póde partilhar-lhe os jubilos e as magnas!»

Outras vezes, irritavam-a as prevenções que sentia em Sainte Beuve e a credulidade com que elle ouvia os detractores.

«Sou muito orgulhosa, meu amigo, e quanto maior é o mal que dizem de mim, mais eu me torno altiva e concentrada. E' preciso que o estime bem sinceramente para lhe pedir e para lhe dar explicações: não me arrependo, visto que reconquistei a sua confiança, e que, segundo espero, nunca mais a perderei; mas com pessoa alguma no mundo admittiria que se repetisse o facto.»

Eis-nos em face da fatal natureza humana, sem nenhum dos aformoseamentos poeticos que de ordinario lhe velam a nudez. De certo que estamos longe da Magdalena arrependida, expiando as suas culpas e ungindo os pés do Salvador com o aroma dos seus cabellos.

Em George Sand a paixão emancipada triumphou e reinou despoticamente, até mesmo por entre os gelos da velhice.

O amor que exhala na obra de George Sand toda a sua embriagadora essencia, que passa cantando a mysteriosa trova da sereia atravez de todos os seus formosissimos romances, não deixou nunca de existir latente e eterno no grande coração que se lhe deu sem partilhas, passando ahi pela metamorphose que vae do botão de rosa, desabrochando ao ardente sol do estio, até á edelwesses, que só abre as suas petalas avelludadas e frias no seio da neve!

GUIOMAR TORREZÃO.

A PRINCEZA LILITH

I

Tendo Jesus nascido em Bethlem, no reinado do rei Herodes, chegaram a Jerusalem uns magos do Oriente e disseram:

O rei Herodes, ao saber de tal, ficou perturbado; e, tendo reunido os sacrificadores e os escribas, perguntou-lhes onde é que devia ter nascido o Christo.

E elles responderam:

—Em Bethlem.

Então Herodes, chamando secretamente os magos, perguntou-lhes ha quanto tempo tinham visto a estrella; e, enviando-os a Bethlem, disse-lhes:

—Vão, informem-se minuciosamente d'essa creança; e, quando a tiverem encontrado, mandem-m'o dizer, para ir tambem adoral-o.

Mas, depois que os magos, conduzidos pela estrella, encontraram e adoraram o menino, avisados por um sonho que não voltassem a Herodes, fôram-se embora para as suas terras por outros caminhos.

Então Herodes, vendo que os magos tinham zombado d'elle, encheu-se de colera...

II

A princeza Lilith, filha do rei Herodes, deitada n'um leito de purpura, sonhava, emquanto a negra Noun lhe abanava a fronte com um leque de pennas e o seu gato Astaroth dormia a seus pés.

A princeza Lilith tinha quinze annos. Os seus olhos eram profundos como uma cisterna, e a sua bocca semelhante a uma flôr de hibisus.

Sonhava com sua mãe, a rainha Marianna, fallecida quando Lilith era ainda muito pequena. Ignorava que seu pae a matára por ciumes; mas sabia que elle conservava, na sombra d'um quarto secreto, o corpo da rainha embalsamado em mel e em aromas, e que a chorava ainda.

Sonhava com seu pae, o rei Herodes, tão sombrio e sempre doente. A's vezes elle encerrava-se no quarto, e, ahi, ouviam-n'o dar gritos. E' que julgava tornar a ver aquelles que mandára matar; seu cunhado Kostobar, sua mulher Marianna, seus filhos Aristobulo e Alexandre, irmãos de Lilith, sua sogra Alexandra, seu filho Antipater, o doutor em leis Bababen-Bouta, e muitos outros. E, posto que Lilith ignorassse essas cousas, seu pae inspirava-lhe grande terror.

Sonhava com o Messias esperado pelos judeus, e de quem tantas vezes lhe fallára sua ama Egla, já fallecida. E apezar do Messias dever ser rei em vez de Herodes, dizia comsigo que tinha porém muita vontade de o ver: porque o attractivo longiquo d'esse maravilhoso acontecimento desviava-lhe a attenção, que nem procurava como poderia executar o seu desejo.

Sonhava, emfim, com o pequeno Hozael, filho da sua irmã collaça, Zebouda, que habitava em Bethlem. Hozael era um pequeno de um anno, que ria e começava a fallar. Lilith amava-o ternamente. E, quasi todos os dias, mandando atrelar as suas mulas ao carro de cedro, ia, com a negra Noun, visitar o pequeno Hozael.

Lilith sonhava com tudo isto, e que estava bem sósinha no mundo, e que, senão fosse o pequeno Hozael, muito se havia de aborrecer.

III

Então Lilith foi ao jardim, afim de passeiar debaixo das grandes arvores.

Encontrou lá o velho Zabulou, que fôra outr'ora capitão das guardas do rei. Herodes substituira a sua guarda judia pelos soldados romanos, mas tendo confiança no velho Zabulou, encarregou-o de vigiar a parte do palacio que a princeza Lilith habitava.

O velho Zabulou, enfermo havia muitos annos, aquecia-se ao sol, assentado n'um banco de pedra; e a edade tinha-o curvado tanto, que a sua grande barba juntava-se com os joelhos.

Lilith disse-lhe:

—Estás triste, meu velho Zabulou?

—Soube por um centurião que o rei dera ordem de matarem amanhã, de madrugada, todas as creanças de Bethlem, de dois annos para baixo.

—Porque?

—Os magos annunciaram que o Messias nascera. Mas não sabem como o hão de reconhecer, e os magos não vieram dizer se o tinham achado. Matando todas as creancinhas de Bethlem, o rei terá a certeza que assim o Messias não lhe escapará.

E' verdade, disse Lilith; é muito bem imaginado.

Depois d'um momento de reflexão, ella [illegible]

BARÃO DE AMAZONAS

—O Messias.

—Para o ver, era preciso saber onde elle está. Se soubessem onde elle estava, o rei não teria necessidade de mandar matar todas as creancinhas da mesma povoação.

—E' justo, disse Lilith.

E accrescentou em voz baixa, como que receiando as suas palavras:

—Meu pae é muito mau.

Depois, disse em voz alta:

—E o pequeno Hozael?

—O pequeno Hozael, disse Zabulou, morrerá como os outros, porque os soldados entrarão em todas as casas.

—Comtudo, eu estou bem certa de que o pequeno Hozael não é o Messias. Como quer que elle seja o Messias? E' filho da minha irmã de leite.

—Peça o perdão d'elle a seu pae, disse Zabulou.

—Não me atrevo, respondeu Lilith.

Depois continuou:

—Vou eu propria com a Noun, procurar o pequeno Hozael, e escondel-o-hei no meu quarto. Estará em segurança, porque o rei quasi nunca lá vae.

IV

Lilith mandou pôr as mulas no carro, foi a Bethlem com a sua Noun, entrou em casa da sua collaça Zebouda, e disse-lhe:

—Ha muitissimo tempo que não vejo Hozael. Desejava leval-o para o meu palacio e tel-o lá um dia e uma noite. A creança está desmamada, e já não precisa dos teus cuidados. Dar-lhe-hei um vestido côr de jacintho e um colar de perolas.

E não disse a Zebouda o que lhe dissera Zabulou, tal era o medo que tinha do rei.

Mas notou que o rosto de Zebouda irradiava uma alegria que não era habitual.

—Porque estás tão alegre?

Zebouda hesitou um instante, e respondeu:

—Estou alegre, porque a princeza Lilith ama meu filho.

—E teu marido, onde está elle?

Zebouda hesitou ainda e respondeu:

—Foi reunir o seu rebanho na montanha.

V

Noun escondeu debaixo do seu veu o pequeno Hozael, e Lilith e a boa negra entraram no palacio, á hora em que o sol se escondia atraz de Jerusalem.

Quando Lilith foi para o quarto, pôz Hozael nos joelhos; e a creança riu e queria pegar nos compridos brincos da princezasinha. Mas Noun, que, na sala visinha, preparava umas papas de milho para a creança, correu para o quarto e disse:

—O rei! Ahi vem o rei!

Lilith só teve tempo de esconder a creança no fundo d'um grande cesto e de a cobrir com um monte de sedas e lãs brilhantes.

O rei Herodes entrou com o passo pesado, as costas arqueadas, os olhos sanguinolentos no seu rosto terreo, agitando sobre si collares e placas d'ouro; o seu queixo movia-se n'um tremor; a sua barba entrançada tremia toda.

Perguntou a Lilith:

—D'onde vens tu?

Ella respondeu:

—De Jericó.

E ergueu para o rei os seus olhos tranquillos como a agua das cisternas.

—Oh! como se parece com ella! murmurou Herodes.

N'esse momento, sahiu do cesto um gritosinho.

—Não te calas? disse Lilith ao gato Astaroth, que dormia no tapete.

Depois disse ao rei:

—Meu pae, parece-me que tem algum desgosto; quer que lhe cante uma canção?

E, pegando na guitarra, cantou uma canção sobre as rosas.

O rei murmurou:

—Oh! esta voz!

E fugiu, como aterrorisado, porque os olhares e a canção de Lilith lhe recordavam a voz e os olhos da rainha Marianna.

chorava.

—Porque choras tu, meu velho?

—A princeza Lilith bem o sabe. Choro, porque o rei quer matar essa creancinha, que é o Messias.

—Mas, disse Lilith, se é verdadeiramente o Messias, os homens não teriam o poder de o matar.

—Deus quer que o ajudem, respondeu Zabulou. A princeza, que é boa e compassiva, deveria avisar o pae e a mãe d'essa creancinha.

—Mas aonde os encontrar?

—Interrogue as pessoas de Bethlem.

—Mas devo eu salvar aquelle que expulsará a minha raça d'este palacio, aquelle para quem serei talvez um dia uma pobre prisioneira ou uma mendiga das ruas?

—Esse tempo já lá vae, disse Zabulou, e o Messias não é ainda senão uma creancinha, mais fraca que o pequeno Hozael. Depois,o Messias terá bastante poder para ser rei sem fazer mal a ninguem. E se um dia a princeza Lilith tiver uma filha, o Messias, quando fôr homem, poderia casar com ella

Mas é elle o Messias? perguntou a Lilith.

—Sim, disse Zabulou, visto que nasceu em Bethlem no tempo marcado pelos prophetas e que os magos viram a sua estrella.

—Deve ser formoso, apesar de ser pequeno, não é verdade, Zabulou?

—Está escripto que será a mais formosa creança dos homens.

—Irei vêl-o, disse Lilith.

VII

Quando chegou a noite envolveu-se n'um veu preto: os braceletes e as manilhas d'ouro dos seus braços e dos seus tornezelos, e os collares do seu pescoço e as pedras preciosas que a cobriam, luziam atravez o veu, suavemente, como as estrellas no ceu, e assim Lilith parecia-se com a noite, de que ella usava o nome.

Porque «Lilith», na lingua hebraica, significa noite.

Sahiu secretamente do palacio com a negra Noun, e ia pensando pelo caminho:

—Não desejava que o Messias tirasse a corôa a meu pae, porque seria para mim bem doloroso nunca mais habitar um bello palacio e nunca mais ter bellos tapetes, formosos vestidos, joias e perfumes. Mas tambem não quero que matem essa creancinha recemnascida. Então direi a meu pae que descobri o seu retiro e, em recompensa d'esse serviço, pedir-lhe-hei que poupe essa creança e que a conserve no seu palacio. Assim, não nos poderá fazer mal; mas, se fôr o Messias, poder-nos-ha auxiliar com o seu poder.

VIII

Lilith encontrou Zébuda a regar, com Methuel, seu marido, e ambos pareciam sentir immensa alegria. Então Lilith lembrou-se de um estratagema.

—Hozael está bom, disse ella, e ámanhã lh'o restituo; mas, como sabeis onde está o Messias, guiae-me, que eu vim para o adorar.

Methuel era um homem simples, e com poucas tendencias para acreditar no mal. Respondeu:

—Eu a vou guiar, princeza Lilith.

IX

«Quando chegaram ao sitio onde a creança estava, Lilith ficou muito espantada, porque esperava encontrar o que quer que fosse de magnifico e de extraordinario, sem saber o que, e vio apenas uma choça encostada aos rochedos, e debaixo do colmo um burro, um boi, um homem que parecia um operario, uma mulher do povo, linda de certo, mas pallida e fragil e vestida pobremente, e na mangedoira, em cima da palha, uma creancinha, que lhe pareceu ao principio uma creança como as outras.

Mas, ao approximar-se, viu-lhe os olhos e n'esses olhos um olhar que não era de creança—uma doçura infinita e sobre-humana; e reparou que a casa estava apenas illuminada pelo clarão que d'elle emanava.

Disse então á joven mãe:

—Como vos chamaes?

—Miriam.

—Parece muito socegadinho.

—Chora ás vezes, mas não grita nunca.

—Daes-me licença que o beije?

—Sim, minha senhora.

Litith inclinou-se, beijou a creança na testa, e ficou um pouco zangada por ver que ella não ajoelhava.

—Então esta creancinha, disse Lilith, é o Messias?

—E', sim, minha senhora.

—E será rei dos Judeus?

—Foi para isso que Deus o enviou.

—Mas então ha de fazer guerras, tentar muitos homens, e desthronar o rei Herodes ou o seu successor.

—Não, disse Miriam, porque o seu throno não é d'este mundo. Não terá nem guardas, nem soldados; nem palacios, nem thesouros; não levantará impostos, e viverá como o mais pobre dos pescadores do lago de Genézareth. Será o servidor dos humildes e dos pequenos; ha de curar os enfermos, consolar os afflictos. Ensinará a verdade e a justiça, reinará não nos corpos, mas nos corações. Padecerá para nos ensinar o que custa o padecer. Será o rei da caridade e do amor. Porque ha de amar os homens; e áquelles que atormenta um vago desejo de amar, que não possa saciar-se na terra, dirá como o seu pobre coração encontrará o contentamento e a alegria. Terá inexhauriveis misericordias para todos aquelles que, apesar de culpados, tiverem conservado esse dom de amar e a virtude de se sentirem irmãos dos outros homens, e de não se preferirem a elles. E terá de certo um throno...

—Ah! bem vêdes! disse Lilith, resistindo ainda.

—Mas, tornou Miriam, esse throno será uma cruz. N'uma cruz é que elle ha de morrer, para expiar os peccados dos homens, e afim de que Deus, seu pae, d'elles se compadeça.

Lilith escutava com admiração.

Voltou lentamente a cabeça para o presepio: viu que a creança olhava para elle, e, sob a caricia dos seus olhos profundos, caiu de joelhos, vencida, murmurando:

—Nunca me disseram essas cousas!

E adorou-o.

E Noun, a boa negra, tambem ajoelhara e chorava.

—Sei, disse Lilith levantando-se, que o rei Herodes procura a creança para a mandar matar. Monte no burro (pagal-o-hei ao seu dono) e fuja!

X

Pelos caminhos estreitos serpenteando em volta das collinas redondas, Jesus e sua mãe, José, Lilith, a negra e o burro, chegaram á planicie.

—E' aqui, disse a princeza, que preciso deixal-os. Sou a princeza Lilith, filha do rei Herodes. Lembrem-se de mim.

E, emquanto Miriam, montada no burro que José guiava, levando nos braços Jesus, se affastava pelo caminho direito, Lilith seguia com os olhos, na noite, a aureola que radiava a fronte divina da creancinha.

E justamente no momento em que, por detraz d'um bosque de grandes arvores, a pallida e mysteriosa luz desapparecia, eis que, pelo caminho da esquerda, apparece, com um ruido de cavallos, o esquadrão dos soldados romanos, marchando para Bethlem...

XI

E todos sabem que a princeza Lilith foi uma das santas mulheres que seguiram Jesus no dia do seu sacrificio, e que o pequeno Hozael foi um dos primeiros discipulos do Christo Salvador.

JULIO LEMAICHE.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS BANHOS THERMAES DO ESTORIL

Vae inaugurar-se brevemente, em agosto, segundo se affirma, a linha ferrea de Lisboa a Cascaes, no lanço emprehendido entre Belem e Estoril.

A cerca de duzentos passos d'esta ultima estação fica o esta-

1880 pelo actual proprietario da Quinta do Estoril, o sr. José Vianna da Silva Carvalho.

Uma breve mas larga escadaria dá accesso a tres amplas portas de entrada, que conduzem sobre um vasto atrio ladrilhado a mosaico. Por dois lanços d'escada se desce d'aqui ao jardim interior, collocado sob uma elevada cupula de vidro, especie de estufa, á temperatura da qual se desenvolvem viçosas as bananeiras, as dracaenas, as yuccas, e outras plantas de rica folhagem.

E' aos lados d'este jardim que se abrem as portas dos quartos de banhos, onde a agua se lança em jorro abundantissimo sobre magnificas tinas de marmore.

A applicação especial das aguas é a cura das doenças de pelle, mas alguns facultativos, entre os quaes mencionaremos o sr. dr. Antonio Maria Barbosa, as aconselham como muito efficazes contra o rheumatismo.

Convém entretanto advertir que, para se achar apreciavel esta estação, não é essencial soffrer de rheumatismo ou de pelle: a par dos doentes que ali vão buscar a cura, tambem affluc ao Estoril a população elegante e sadia, attrahida pela belleza do campo, pela variedade dos passeios, pelos banhos do mar, e pela pureza d'uma atmosphera, que ou vem do mar alto ou de sobre os extensos pinheiraes.

E como ultimo attractivo, não deve deixar de mencionar-se o estabelecimento nascente de *Mont'Estoril*, que se annuncia pomposamente e fica distante do Estoril apenas meio kilometro.

Uma coisa faltará sempre a Mont'Estoril: são as aguas medicinaes,—e essa falta assegurará sempre a supremacia da estação de que nos occupamos.

Todavia, é justo reconhecer que a proximidade d'aquella brilhante colonia, com as numerosas e variadas diversões que se annunciam, deve constituir para os *habitués* do Estoril mais uma seducção a accrescentar ás actuaes.

ADOLPHO SAUVINET

Adolpho Sauvinet, auctor da opera *Flavia*, que ha dias foi cantada no salão da Trindade, nasceu em Lisboa a 4 de junho de 1836.

Foi educado no antigo collegio *Luzo-Britannico*, e aos 14 annos encetou a carreira commercial.

Em 1868 partiu para o Rio de Janeiro, onde se demorou até 1875, occupando, primeiro, o lugar de contador do Banco Commercial, e, depois, o de guarda-livros do Banco Industrial do Rio de Janeiro.

Actualmente, é empregado superior da Companhia dos Telephones.

Apesar das suas occupações commerciaes, o sr. Sauvinet prestou sempre á musica um culto enthusiastico. Aos 35 annos possuia uma bella voz de tenor, que, com o tempo se modificou. Hoje, canta de barytono.

Poucos espiritos temos conhecido que, como o de Adolpho Sauvinet, se adaptem mais facilmente a todas as manifestações artisticas. Além de *virtuose* muito distincto, como a *Flavia* prova exhuberantemente, é um apreciavel pintor amador com notavel habilidade para as *marinhas*.

Portugal não é, infelizmente, um paiz onde os talentos musicaes consigam evidenciar-se sem terem que se empenhar n'uma aspera lucta. As difficuldades levantam-se temerosas e não é possivel vencel-as sem o auxilio de um Cyrineu. Ora o Cyrineu do sr. Sauvinet foi o *maestro* Gaspar, a cujos esforços, deve o publico de Lisboa o ter podido ouvir a opera *Flavia*, que ha dias, se cantou no salão da Trindade, ainda que sem o apparato, que outros mais felizes teem conseguido para a sua estreia.

BARÃO DE AMAZONAS

O intrepido almirante barão do Amazonas, foi um dos heroes da guerra do Paraguay.

Nasceu em Lisboa e começou a sua carreira como aspirante da esquadra portugueza, sendo, depois da proclamação da independencia, um dos primeiros guardas-marinhas da nasce-

MODAS

Logo no inicio da lucta, a sua pequena esquadra é surprehendida em Riachuelo pela terrivel esquadrilha paraguaya, armada com 76 magnificos canhões. A batalha estava quasi perdida, quando o velho almirante, sentindo inflammar-se-lhe o sangue com a idea de ter que abater a gloriosa bandeira do seu paiz, de ter de corar perante a historia da sua patria europea, tão abundante em glorias nauticas, imagina um plano desesperado e heroico. Transforma em ariete o navio do seu commando directo, o *Amazonas*, arroja-se loucamente á esquadra inimiga, decidido a succumbir, mas a succumbir levando debaixo da quilha do seu navio os navios paraguayos, como um gladiador desesperado que, atirando para longe as armas, enlaça o inimigo nos braços, e, decidido a morrer, leva comtudo primeiro debaixo do joelho o surprehendido adversario. A victoria coroou o arrojo, o *Amazonas* passou por cima do corpo dos navios inimigos, e fluctuou orgulhoso e ovante nas aguas agitadas do rio, onde se subvertiam um apoz outro, no meio de um redemoinho de espuma, os baixeis victimados pelo audacioso marinheiro.

O Brazil, a America, o mundo inteiro saudaram com enthusiasmo a noticia d'esta façanha.

O titulo de barão do *Amazonas*, que lembrava a cada instante, juntamente com a victoria do heroe, o instrumento a que a devera, veiu recompensar a bravura de Barroso. Depois veiu o silencio; succederam outros heroes ao heroe de Riachuelo, e este, pungido pela cegueira, escolhendo Montevideu para sua residencia, suppunha talvez, com amargura, que a patria o esquecera, e que já se apagara para elle com a luz do dia a luz da sua gloria.

Mas coisa notavel! Annos depois, uma operação feliz restitue a vista ao cego almirante. Volta cheio de jubilo ao Rio de Janeiro e a sua volta é uma festa nacional Fazem-lhe a apotheose em vida. Passa por entre loiros e applausos o heroe de Riachuelo. Um povo inteiro repete com enthusiasmo o seu nome. A nova geracão dos marinheiros do Brazil curva-se reverente perante o heroe que passa, e elle, commovido, pago de todas as suas fadigas e de todas as suas amarguras por este dia de intensa gloria, diz talvez de si para si: Agora sim. Posso dormir em paz.

E adormeceu, coberto de gloria.

——

MODAS

Grande chapeu *haute nouveauté*, de feltro, com a aba muito avançada na frente e ligeiramente levantada sobre a nuca, onde é sustida por um tufo de fitas. *E'charpe* de seda de Pekin em volta do chapeu, terminando adiante por um largo nó *cocarde*. Um nó similhante dissimula por traz o pé d'um magnifico penacho de pennas d'abstruz, que se eleva acima da copa.

——

EMMA OTERO

Nascida em Hespanha, gentil como todas as suas gentis compatriotas, Emma Otero é um perfeito ideal de mulher; e tão ideal, tão bella, que o juiz do ultimo concurso de belleza, realisado em Nice, não hesitou em conferir-lhe o primeiro dos premios que havia estabelecido para este extraordinario certamen feminino.

Além de ser formosissima, Emma Otero possue uma bonita voz, que o nosso publico ha pouco ouvir no theatro da Avenida. E se nem todos quantos a ouviram cantar, a ficaram considerando uma cantora consumada—porque o não é—todos são unanimes em proclamar Emma Otero a mulher mais linda que tem pizado Lisboa.

Dizem-nos que Emma partiu para Paris, a fim de se apresentar ao jury do novo concurso de belleza, que ali deve realisar-se durante a Exposição.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

—

CHARADAS

Roberto Rosa Ribeiro,
Um velhote pechincheiro,
Na terça feira passada,
Foi, após bem ter jantado.
De Santa Clara ao Mercado
Dar a volta costumada.

A um canto uma papeleira
Nota, cheia de poeira: 1
Logo a vae examinar!
Revista-a com cuidadinho
E ao bater n'um escaninho,
Moedas ouve tilintar ..

Quer examinar melhor.
Porém o dono, um senhor!
Perto está, rindo á sucapa;
Bate outra vez no escaninho,
E crente de que é *ourinho*
O escond'rijo não destapa.

Fez co'o dono a transacção
Sempre ao movel de plantão 1
P'ra que elle o não fosse ver...
Por elle, muito bonitas,
Deu umas sete libritas
Sem ao menos tres valer!

Moços chama, está em braza,
E manda-a logo p'ra casa.
.....
O escond'rijo co'um martello
Descobre após mil intentos;
Mette a mão e tira... tentos
De bom metal amarello!...

MATHEUS JUNIOR.

(A Germano Vendrell)

Letra
Cidade d'Italia
Fructo
Rio da Italia
Letra

Evora.

AMERICO VILHALVA.

Vogal
Vegetal
Montanha
Ilha da Oceania
Rio da Australia
Cidade do Japão
Vogal

EVORA.

AMERICO VILHALVA.

ENIGMA

A' EX.ma SR.a D. CHRISTINA DOS ANJOS

C . . . . . A
. H . . . . . N .
. . R . . . I . .
. . . I . T . . .
. . . . S . . . .

Nomes pròprios

Ajuda.

Christina M. d'A. Brenne Adrião

Decifrações

Fêrca—Jacinto—Senhorita—Cantora—Historia.

UM CONSELHO POR SEMANA

CIMENTO PARA LOUÇA

Bate-se a clara d'um ovo, até que fique o mais consistente possivel e em seguida deixa-se em repouso por algum tempo.

A espuma vae-se liquifazendo pouco a pouco, e n'esse liquido amassa-se uma porção de cal viva, que se applica immediatamente aos bocados a soldar.

Se o objecto está partido em mais de dois pedaços, deve amassar-se novo cimento para cada um d'elles, porque este preparado seeca tão rapidamente, que dá apenas tempo para collar dois pedaços de cada vez.

A RIR

—Vou mandar cortar o cabello á escovinha, dizia Calino. Agora no verão, sinto um calor insupportavel.

—Mas olha que ficas muito mal com o cabello cortado... retorquiu-lhe a esposa.

—Não importa; comprarei um chinó.

*

N'um banquete de nupcias:
A noiva está pensativa. Diz-lhe o noivo, a gracejar:
—Aposto, meu anjo, que estás pensando no divorcio?
Ella, ingenuamente:
—Ainda não!

*

Dois sujeitos esbofeteam-se no meio da rua. Um d'elles, endireitando o chapeu:
—Fico em casa ás suas ordens.
O outro, depois de pensar:
—E eu tambem.

AS TUAS CARTAS

Sae um aroma de jasmins e rosas
Do cofre, em que eu, ha muito, guardo avaro
As tuas cartas,—um thesouro raro
De essencias preciosas.

Nas horas, em que eu scismo taciturno
Na ventura, que ás vezes me fallece,
Suspira alli um tremulo nocturno,
Não sei que ignota prece...

Vibra uma alma, que palpita e chora,
N'aquelle asylo perfumado e doce,
E eu fico-me a scismar, como se fosse
Ungido pela aurora ..

Sinto uma intima e cariciosa
Consolação, que esplende e que é tamanha
Como as da madrugada religiosa,
Na urze da montanha...

Os rouxinoes gorgeiam solitarios,
E n'uma orchestração, mansa e velada.
Irrompe estremecendo immaculada,
A voz d'um stradivarius...

Vae derivando luminosamente,
Para o ocesso, um rio mysterioso,
[illegible]
—Aragens que roçaram na palmeira
Do deserto, na flôr da amendoeira,
E no colo das garças...

Que poema celeste se resume
N'essas cartas leaes, que tu traçaste?
D'onde lhes vem o candido perfume,
Com que as illuminaste?

Quando eu fôr n'um caixão, desfallecido,
Só desejo que o meu testamenteiro
As colloque a meu lado, condoído...
Serão meu travesseiro...

JOAQUIM D'ARAUJO.

O MILAGRE DE MONTARGIS

Já devíamos a esta linda cidade de Loiret um cão celebre e um ministro dos correios. Não era bastante, segundo parece. A providencia quiz favorecer mais uma vez Montargis, fazendo d'ella o theatro de uma apparição que não póde deixar de commover muitos corações.

N'esta epoca de scepticismo ou indifferença, nada devemos olvidar do que deve conduzir no caminho direito as ovelhas perdidas.

E' mister primeiro resumir os factos.

Uma mulher, que dirigiu muito tempo e com successo uma das congregações mais auctorisadas, a Farcy, já que é preciso dizer o seu verdadeiro nome, refugiou-se, depois de ter feito fortuna, em uma casa de campo, o castello do Chesnoy, perto de Montargis. Apoz a excavação da feudalidade, os castellos que pertenciam a quem mais désse, cairam nas mãos de especuladores habeis, de felizes negociantes e financeiros, que a prisão não reclamou. A senhora Farcy devia tomar logar em uma aristocracia nova.

A castellã de Chesnoy, commovida pela contemplação da natureza, não tardou em cair na devoção. Leu a historia de Santa Izabel da Hungria, que lambia as chagas dos enfermos, e, no seu interior, não achou uma differença sensivel entre aquellas praticas religiosas e as que tinham feito a sua fortuna.

Farcy expirou, deixando, por meio de testamento, 10:000 francos ao hospicio de Montargis; á cidade, 20:000 francos para fundar uma casa d'asylo; 30:000 francos á communa de Armilly, para instituir duas escolas christãs; finalmente, 20:000 fr. ás irmãs de Montargis; 12:000 francos á egreja de S. Firmino, e uma bella quantia á fabrica de Santa Maria Magdalena, para que dissessem missas destinadas a assegurar o repouso da sua alma.

E' isto que se chama fazer uma *boa morte*. Se uma alma não estivesse tranquilla quando pagassem cinco mil missas, seria mister renunciar a qualquer conciliação com o outro mundo. Farcy morreu, pois, tranquillamente estendida de costas, com a bocca entre-aberta em um derradeiro suspiro, e foi enterrada com pompa.

A população rural, que a estimava, não fez berço em volta do seu tumulo.

*
* *

Os legados da santa mulher fôram contestados por um sobrinho sem pudor, mas os tribunaes pozeram termo ás suas pretenções.

Havia na terra algumas más linguas, que tagarellavam da aventura; mas as pessoas que pensavam bem, respondiam que a fabrica de Santa Maria Magdalena, reconhecendo que a fallecida tinha sido enternecida pela graça, não podia recusar uma tal doação.

Um verdadeiro milagre acaba de levantar todas as suspeitas a tal respeito.

Em uma modesta casa dos arredores d'Armilly, habitava desde alguns dias um ecclesiastico, com licença. Aquelle digno ho-

Uma velha criada apressou-se em ir abrir. Eram duas crean-

ças, Ambrosia Martin e Francisco Lecailleu, que pediam para fallar ao padre Fessard, de Putanges.

—Que ha de novo, meus meninos? perguntou o digno homem.

—Senhor abbade, respondeu Ambrosia, estavamos, Francisco e eu, sentados debaixo d'uma arvore, ao pé da lagôa dos patos, quando tivemos uma apparição.

—E' verdade, accrescentou Francisco.

—E que viram?

—Uma dama vestida de seda azul, com o peito entreaberto... Tinha meias encarnadas e uns sapatinhos de setim com altos talões. «Meus meninos, disse ella, sou do ceu. São muito novos para que lhes proponha que subam, mas o seu testemunho é necessario para a minha memoria.»

O abbade de Putanges ergueu os olhos para o tecto.

—Continuem, disse elle.

—Então, tornou Ambrosia, a dama desceu, e beijando nos, disse: «Eu sou a senhora de Chesnoy, a que em vida se chamava Farcy. Apoz uma existencia agitada, comprehendi que as alegrias d'este mundo só deixam cinzas na sua rectaguarda; fiz penitencia, feri-me com açoutes, e fiquei então convencida de que os camellos podem realmente passar pelo fundo d'uma agulha.»

O abbade de Putanges estava espantado.

Interrogou Francisco:

—Menino, o que a tua companheira acabou de dizer, é verdade?

—Sim, senhor, respondeu elle. A dama accrescentou, ao beijar-me: «O logar onde estou é muito bello. Ha uma alcova de gelo na porta da qual se lê: Amae-vos uns aos outros... e todas as almas estão no salão. Um dia serás homem... Pensa então na dama vestida de azul. Recorda-te que ha dois caminhos, um que conduz ao paraiso e outro que conduz ao inferno... Faze então a tua escolha!

—Quando essa dama te beijou, nada notaste?

—Não, senhor, mas exalava um bello aroma, parecia agua-

—Um grande pedaço.

—E depois?

—Lançou para o chão dois espargos que tinha nas mãos e em seguida desappareceu nas nuvens e nós ouvimos um ruido semelhante ao que fazem as moedas de prata caindo umas sobre outras.

—Bem, disse o abbade. Vou escrever essa narrativas, e quando chegar o momento, recorrerei ao teu testemunho.

Deu uma moeda de cinco centimos a cada uma das creanças, que se retiraram encantadas, para ir contar a seus paes o que tinham visto.

* * *

Abriram logo um poço no sitio onde apparecera Farcy. A agua jorrou por si mesma e cae em uma bacia que se formou diante da nascente, como para facilitar o seu curso.

EMMA OTERO

Uma senhora, que soffria havia muito tempo de uma doença d'olhos, lavou-se com aquella agua e ficou curada.

Uma creança d'Armilly, que os medicos desesperavam de salvar, foi mergulhada por sua mãe na bacia milagrosa, e melhorou.

Um paralytico tinha perdido o uso dos seus membros. A agua de Farcy restituiu-lhe tão bem as forças, que entrou em casa pelo seu pé.

Um militar, que soffria de gotta, tambem se curou.

O boato d'estas curas prodigiosas derramou-se já por todo o paiz e de toda a parte se veem ali chegar camponios com seus forcados.

Collocaram uma rapariga de vigilancia ao pé da nascente. E' encarregada de receber as offertas dos peregrinos. Apenas tenham reunida uma quantia sufficiente, elevar-se-ha um monumento no mesmo logar da apparição.

E, cousa singular, se alguem se esquece de lançar o seu